

O jagunço da alta classe média brasileira gosta de Chopin

[Carlos Palombini](#)

Synteesi 1/1999: 54--6, Helsinki: Suomen Semiotikan Seura

[Leonardo Music Journal](#) 9, Cambridge: MIT Press, 1999

No início do mês de abril de 1999, professores, funcionários e alunos do Departamento de Música da Universidade Federal de Pernambuco, em Recife, foram convidados para um recital de Arnaldo Cohen, pianista brasileiro radicado em Londres, e solicitou-se que confirmassem presença. O convite foi formulado pelo Banco Sudameris, afiliado ao Banque Sudameris de Paris e controlado pelo Grupo Banca Commerciale Italiana de Milão. Sudameris está abrindo sua agência universitária nas instalações recém inauguradas do Centro de Convenções da Universidade Federal de Pernambuco, onde o recital se realizaria.

O que viria a ser, numa história de revoltas e traições, o estado de Pernambuco, teve sua origem em um dos primeiros sucessos administrativos da jovem colônia portuguesa. Rica em pau Brasil, a região foi disputada por holandeses, franceses, espanhóis e piratas ingleses. A cidade de Recife cresceu às vistas de Olinda --- patrimônio histórico da humanidade --- como a contrapartida comercial da aristocrática vila, gradualmente assumindo a liderança econômica até chegar à posição de metrópole do nordeste brasileiro. Nestas praias, o Brasil foi descoberto por Pinzon e não por Cabral e os ferozes índios Caeté devoraram o infeliz Bispo Sardinha, antecipando os antropófagos urbanos. Hoje, santos americanos dos últimos dias passeiam pela cidade seduzindo com louridão sanificada mamelucos, cafusos, mulatos e mestiços.

Pernambuco vangloria-se da mais antiga aristocracia do país. A Senhora Carmem Mayrink Veiga, antigamente uma das dez damas mais bem vestidas da sociedade carioca e uma beldade, hoje ganha a vida aqui, mantendo as camadas inferiores informadas sobre o permitido e o proibido pela alta etiqueta nas páginas do equivalente local ao *Sun* londrino (devorada que foi sua fortuna por taxas de juro extorsivas cobradas sobre contribuições

previdenciárias de antigos empregados, que ela costumava tomar de empréstimo ao erário público): "naquele tempo os homens costumavam usar casaca... hoje eles se queixam para vestir um paletó!" Tratava-se de meu *début* na sociedade local e eu não desejava estar nem excessivamente nem insuficientemente vestido: sapato de camurça marrom claro, meias brancas (suburbano em Londres mas *comme il faut* em Recife), calça bege claro, a melhor camisa branca (com botões de madrepérola), paletó sob medida de linho terracota e uma longa corrente prateada entre o bolso da calça e o cós. Para dar um toque cafajeste, um pouco daquela fantástica cera gel que eu trouxe de Dublin e, para finalizar, as madeiras exóticas de Ever *by* Applewoods. "Carlos... como você está bonito!", a vizinha balbuciou embasbacada quando eu fechei a porta.

Embora quem ganhe mais de mil e trezentos Reais por mês não pegue ônibus no Brasil, eu continuo convencido de que nem sempre se devam adotar hábitos nativos nas regiões tropicais. Um assento à esquerda oferecia a vista dum belo par de coxas à direita e sem maior delonga eu me sentei. Perdido em contemplação, fui despertado pelos ruídos de vidro batido e quebrado, gritos agudos e miríades de cacos aterrizando em minha face. Damas se acocoravam, assalto e estupro estampados no rosto. Não mais perturbado do que o General Giuseppe Federico von Palombini após a derrocada do império napoleônico, olhei em torno avaliando a probabilidade de um segundo míssil e ponderei a sabedoria de atrelar-se o destino à visibilidade de dotes carnis. Uma pedra jogada por uma das inúmeras crianças que perambulam pelas ruas de Recife atravessara uma janela à direita, bem atrás daquelas coxas, na altura correspondente a onde eu sentava-me à esquerda, antes de sair por uma janela à esquerda, dois assentos atrás do meu. Eu fora salvo pelas leis imponderáveis do movimento relativo.

No Brasil faz-se fila para tudo. Em São Paulo, na agência Consolação da VARIG, faz-se fila para saber se faz-se fila ou não. Em Recife, na agência Cidade Universitária do Banco do Brasil, faz-se fila por uma hora para depositar um cheque. Quem ganha três salários mínimos é cliente especial e clientes especiais fazem filas especiais. Quem ganha dez salários mínimos é cliente duplamente especial mas clientes duplamente especiais fazem filas simplesmente especiais. Uma hora antes do concerto, o Centro de Convenções oferecia duas opções de fila. Escolhi a menor; era a mais lenta. Com todo o aspecto de correntistas de um banco europeu de clientela seletíssima, um cavalheiro atarracado, uma dama obesa e uma donzela roliça chegaram, a todo o vapor. O cavalheiro pôs-se a insultar um par de damas que trocava idéias com a recepcionista em tempo lento. Enquanto isso, sua esposa tentava tomar o meu lugar. Tendo conseguido pôr a fila em movimento com seus berros, o cavalheiro tratou de propeli-la com sua barriga. Assim, num átimo, eu estava roçando ombros e partes íntimas com os altos escalões da sociedade financeira. Na sala de concertos a conversação oscilava entre o italiano básico ("um *scherzo*?") e os bens de raiz ('minhas casas de veraneio'). Às nove em ponto, um par de atendentes abordou duas senhoritas que, há meia hora, ocupavam a primeira fila. As senhoritas foram removidas. Seus assentos foram reservados. O Magnífico Senhor Reitor foi introduzido e escoltado àqueles assentos. Trocaram-se tapinhas nas costas. Uma tela tomou o proscênio. Sudameris e as lutas do povo brasileiro eram simplesmente a mesma coisa. O representante local subiu ao palco. Ele assegurou-se de que havíamos compreendido.

Arnaldo Cohen foi aplaudido com alívio. Com técnica impecável, ele deu vida aos contrastes dramáticos e às transições variadas das *Quatro baladas* de Chopin. Em meio à *Terceira*, um fortíssimo lançou-me para fora da sala nas profundezas da música. Eu emergi. Serviam-se bebidas. Os refrigerantes circulavam livremente. O branco italiano era apanágio dos mais aptos. Os ouvintes foram convidados a retornar às suas poltronas. Os renitentes foram gentilmente empurrados. O Magnífico Senhor Reitor subiu ao palco. Sudameris foi congratulado e "uma universidade pública e de qualidade" foi saudada. Com uma execução quase impressionista do *Segundo noturno*, Arnaldo Cohen alçou-se às alturas rarefeitas da histórica interpretação do *Noturno em ré bemol* por Lipatti. Seguiram-se a *Fantasia-improvisada*, o *Terceiro estudo opus 10*, o *Primeiro* e o *Décimo segundo estudos opus 25*, o *Primeiro* e o *Segundo scherzi*. Tendo aberto caminho entre tossidas terminais, relógios japoneses e telefones celulares "como um homem que aceita todas as coisas, e as aceita em espírito de frio destemor", Arnaldo Cohen foi ovacionado de pé. Ele replicou com uma *Valsa do minuto* minuciosamente burilada, soberbamente fraseada e incrivelmente nova. À meia-noite e trinta o *Estudo patético* de Scriabin encerrou a sarau.

"Sintetizar e estabilizar uma expressão musical de base popular, como um meio de conquistar uma linguagem que reconcilie o país na horizontalidade de seu território e na verticalidade de suas classes (elevando a cultura rústica ao âmbito universalizado da cultura burguesa e fornecendo à produção musical burguesa a base que lhe falta)", assim José Miguel Wisnik resume o programa do ciclo modernista de nacionalismo musical (*O coro dos contrários*, 1977, citado por Béhague em *Heitor Villa-Lobos*, 1994). A classe média gosta de Chopin. A violência que durante séculos o proprietário rural perpetrou contra o escravo foi democratizada por décadas de ditadura militar e sancionada pelo regime democrático (Page, *The Brazilians*, 1995). Na política brasileira hoje, não é o rústico coronel baiano que se alça ao âmbito universalizado da cultura burguesa, é o intelectual cosmopolita paulistano que se rebaixa ao âmbito da brutalidade burguesa nacionalizada. Como o famoso casaco de peles com o qual o Ministro da Fazenda, Senhorita Cardoso de Mello, tentou impressionar Suas Altezas Reais o Príncipe e a Princesa de Gales numa recepção no Rio, a trama da sociedade brasileira está irreparavelmente roída pelas traças. Trucidados ou proscritos, só os índios se salvaram. Eles entesouram a nação que poderia ter sido. *Ena mokocê-cê-maká* (o menino está dormindo na rede).

© Leonardo Digital Reviews, 1999

Esta versão ©2000 Revista Eletrônica de Musicologia 5, no. 1 (Junho de 2000)
